

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»



ANO XV
N.º 59
JULHO DE 1952

Telef. 2 0244

Teleg. PAPELCAR

PAPELARIA CARLOS

DE — CARLOS FERREIRA, L.^{DA}

34, RUA DO OURO, 38

LISBOA

Especialidade em livros para ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Grande sortido de artigos para DESENHO E ESCRITÓRIO

António Moreira Rato & Filhos. L.^{da}

Materiais de Construção



CIMENTO «TEJO»



Mármorees-Cantarias



Grés — Azulejos — Loijas sanitárias

Tele { fones: **60870-63708**
gramas: **RATOFILHOS**

Avenida 24 de Julho, 54-G — LISBOA

FÁBRICA DE LOIÇA DE SACAVÉM, L.^{DA}

TEL. P.B.X. **FAIANÇAS** TELEG.
2 4958 DE LOIÇA
2 3902 **FANTASIA** LISBOA

E DE USO DOMÉSTICO
LOIÇA SÂNITARIA E
DE GRÉS CERAMICO
AZULEJOS-MOSAICOS

A MAIS PERFEITA FABRICAÇÃO

LISBOA

AV. DA LIBERDADE, 49 / 57

PORTO
R. CARMELITAS, 40
Tel. 22 033

COIMBRA
R. DR. RODRIGUES, 13
Tel. 3546

TODOS OS PRODUTOS DA

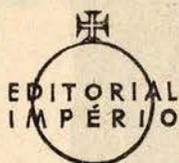
COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

SUPERIOR, FRANCÊS, VIRGINIA, HOLANDÊS, TIP-TOP, VIC,
AVIZ, PROVISÓRIOS, TAGUS, LISBOAS, SPORTING, ETC., ETC.

são fabricados com ramas escolhidas, pelos processos mais modernos,
para bem servir os fumadores

UM BOM LIVRO
UM BOM JORNAL

SÓ NA



MARCA REGISTRADA

COMPOSIÇÃO MECÂNICA

TRABALHOS GRÁFICOS
EM TODOS OS GÊNEROS

151, RUA DO SALITRE, 155—LISBOA

TELEFONE P B X 5 3 1 7 3 / 4

CHÁ CELESTE



VINHO DO PORTO

« GRAHAM »

« Emperor »
« Five Crowns »
« Six Grapes »
« Imperial Dry »

— «Tawny» Velhíssimo.
— Muito velho e sêco
— «Vintage» Velho do casco
— «Ruby» Leve



GUILHERME GRAHAM JNR. & C.^A

Rua dos Fanqueiros, 7
Lisboa Tel. 20066-9

Rua dos Clérigos, 6
Porto Tel. 26961/2

Distribuidores no Sul

JOSÉ LUIZ SIMÕES — LARGO DO CHIADO, 17 — LISBOA

Os «Amigos de Lisboa»

Preferem, para os seus seguros, a

IMPÉRIO

Uma COMPANHIA DE SEGUROS que honra Lisboa

ELECTROLUX



FRIGORÍFICOS
ASPIRADORES-ENCERADORAS
MÁQUINAS DE COZINHA
MÁQUINAS PARA LAVANDARIAS

LISBOA

SEDE E EXPOSIÇÃO

R. Pascoal de Melo, 7
Telefs.: 48378/50516/54130

EXPOSIÇÃO

Av. da Liberdade, 141, 1.º
Telefs.: 28246/32901

Sociedade Geral

de

Comércio, Indústria e Transportes

LISBOA

Carga e expediente: Rua do Comércio, 39 Telefone: 30551

FROTA

n/m ÁFRICA OCIDENTAL	1.560 T.	n/m COLARES	1.376 T.
n/m ALCOBAÇA	9.588 T.	n/m CONCEIÇÃO MARIA	2.974 T.
n/v ALCOUTIM	10.526 T.	n/m ÇORUCHE	1.376 T.
n/m ALENQUER	6.588 T.	n/v COSTEIRO	900 T.
n/m ALEXANDRE SILVA	3.215 T.	n/v COSTEIRO SEGUNDO	510 T.
n/m ALFREDO DA SILVA	3.643 T.	n/m COSTEIRO TERCEIRO	1.426 T.
n/v ALFERRAREDE	2.118 T.	n/m COVILHÃ	1.376 T.
n/m ALMEIRIM	9.588 T.	n/v CUNENE	9.800 T.
n/v AMARANTE	12.600 T.	n/v FOCA	2.060 T.
n/m AMBRIZETE	9.245 T.	n/v INHAMBANE	9.619 T.
n/m ANA MAFALDA	3.643 T.	n/v LUSO	10.125 T.
n/m ANDULO	9.245 T.	n/v MARIA AMÉLIA	3.005 T.
n/m ANTONIO CARLOS	2.974 T.	n/v MARIA CRISTINA	5.580 T.
n/m ARRAIOLOS	9.588 T.	n/v MELLO	6.253 T.
n/m BELAS	7.259 T.	n/v MIRANDELA	8.280 T.
n/m BORBA	7.259 T.	n/v MIRA TERRA	600 T.
n/m BRAGA	7.224 T.	n/m SÃO MACÁRIO	1.221 T.
n/m BRAGANÇA	7.224 T.	n/v SAUDADES	6.430 T.
n/m CARTAXO	1.376 T.	n/v SILVA GOUVEIA	1.353 T.
n/v ZÉ MANEL	1.240 T.		

TOTAL: 202.967 TONELADAS

REBOCADORES:

«AFRICA», «CINTRA», «ESTORIL»,
«FREIXO», «SÃO CRISTOVÃO», «SOURE»

LANCHAS A MOTOR:

«GAROTA», «BOLHÃO» e
«CAROCHA»

33 Batelões (7 de 500 T., 24 de 400 T. e 2 de 250 T.)

25 Fragatas de (2.300 T.)

1 Barca de água (250 T.)

1 Draga «BARREIRO» com 5 Batelões de Dragadas com 80 m³ cada

EM CONSTRUÇÃO NOS ESTALEIROS DA C. U. F.

2 navios de 3.600 T. e para 52 passageiros cada

2 rebocadores de 1.200 T. cada.

CARREIRAS DE LISBOA PARA:

**NORTE DA EUROPA • NORTE DE ÁFRICA • CABO VERDE • GUINE • ANGOLA
ARGENTINA • ESTADOS UNIDOS • TERRA NOVA • GROENLANDIA
E COSTA DE PORTUGAL**

A COMPANHIA QUE MAIS NAVIOS TEM AO
SEU SERVIÇO, CONSTRUÍDOS EM PORTUGAL
NOS ESTALEIROS DA COMPANHIA UNIÃO
FABRIL NO BARREIRO E EM LISBOA

AMIGOS DE LISBOA

EDIÇÕES

	PREÇOS PARA	
	os sócios	o público
A cor de Lisboa	10\$00	12\$00
A Lisboa de ontem e de hoje, do sr. Rocha Martins, crítica	9\$00	10\$00
Noite de evocação do Leão de Ouro	9\$00	10\$00
«Olisipo»	8\$00	10\$00
Urbanização de Lisboa	4\$00	5\$00

A. VIEIRA DA SILVA

A Ponte de Alcântara e suas circunvizinhanças	9\$00	10\$00
Fantasia sobre a origem do nome de Lisboa	9\$00	10\$00
Os Paços dos Duques de Bragança	9\$00	10\$00

ALFREDO DA CUNHA

Olisipo, berço do periodismo português	9\$00	10\$00
--	-------	--------

ANTÓNIO R. DA SILVA E SOUSA

A Igreja e o sítio de Santo Estêvão ...	9\$00	10\$00
Bagatelas do tempo vário	4\$00	5\$00
O Campo de Santa Clara	9\$00	10\$00
Ronda e Silva de Lisboa velha	4\$00	5\$00

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

Casas onde, em Lisboa, residiu Almeida Garrett	9\$00	10\$00
--	-------	--------

F. A. GARCEZ TEIXEIRA

A Irmandade de S. Lucas	9\$00	10\$00
-------------------------------	-------	--------

JOSÉ SEBASTIÃO SALDANHA OLIVEIRA E DAUN

Relação histórica (resumida) das cavalladas no Torneio Real que se fez na Corte e cidade de Lisboa em 1795 ...	9\$00	10\$00
--	-------	--------

LUÍS MOITA

Ermida de Santo Amaro	9\$00	10\$00
-----------------------------	-------	--------

LUÍS PASTOR DE MACEDO

Ascendentes de Camilo	13\$50	15\$00
-----------------------------	--------	--------

LUÍS TEIXEIRA

O «Diário de Notícias» no século XIX	4\$00	5\$00
--	-------	-------

MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO

A Igreja e o convento da Graça	9\$00	10\$00
--------------------------------------	-------	--------

NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena monografia de S. Vicente	9\$00	10\$00
--	-------	--------

RUY DE ANDRADE

Como o artista Alfredo de Andrade encarava os problemas da edilícia cidadina	4\$50	5\$00
--	-------	-------

CONSIGNAÇÕES

	PREÇOS PARA	
	os sócios	o público

AUGUSTO CASIMIRO

Lisboa Mourisca	18\$00	20\$00
-----------------------	--------	--------

EDUARDO NEVES

Lisboa na Numismática e na Medallística	13\$50	15\$00
Do Sítio do Intendente	10\$80	12\$00
O Convento dos Barbadinhos Italianos ...	13\$50	15\$00

FERREIRA DE ANDRADE

Relação das casas foreiras	22\$50	25\$00
Senado da Câmara e a Guerra civil	27\$00	30\$00
Três touradas no Terreiro do Paço	13\$50	15\$00
Palácios Reais de Lisboa	45\$00	50\$00

J. S. VIEIRA

O Convento dos Marianos	6\$80	7\$50
-------------------------------	-------	-------

GILBERTO MONTEIRO

Esboço histórico do Hospital Militar de Belém	18\$00	20\$00
---	--------	--------

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Auto de S. João	4\$50	5\$00
Lisboa (comédia)	18\$00	20\$00

HENRIQUE LINHARES DE LIMA

Vultos e Sombras medievais	45\$00	50\$00
----------------------------------	--------	--------

HUGO RAPOSO

Primeiro Circuito de Lisboa Moderna em Transporte Colectivo	9\$00	10\$00
---	-------	--------

JOÃO PINTO DE CARVALHO (Tinop)

Lisboa de Outrora, 1.º, 2.º e 3.º vols. cada	9\$00	10\$00
--	-------	--------

JOAQUIM ROQUE DA FONSECA

A Urbanização de Lisboa	13\$50	15\$00
-------------------------------	--------	--------

JULIETA FERRÃO

Lisboa, 1870	9\$00	10\$00
--------------------	-------	--------

LUÍS PASTOR DE MACEDO

A Baixa Pombalina	6\$80	7\$50
A Rua das Canastras	7\$20	8\$00
Crítica, correcções e aditamentos	5\$40	6\$00
Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da freguesia da Sé	6\$80	7\$50

MANUEL VICENTE MOREIRA

Jardins de Lisboa e Porto	6\$80	7\$50
Problemas da habitação	31\$50	35\$00

MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO

Do Sítio do Restelo e das suas igrejas de Santa Maria de Belém	45\$00	50\$00
--	--------	--------

ROBERTO DIAS COSTA

A Paróquia de S. Jorge da cidade de Lisboa	7\$20	8\$00
--	-------	-------

ROQUE GAMEIRO

Lisboa Velha	162\$00	180\$00
--------------------	---------	---------

RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ

Subsídios para a Heráldica Tumular moderna olisiponense	45\$00	50\$00
---	--------	--------

OURIVESARIA DA GUIA

FUNDADA EM 1875

JOIAS ♦ OURO ♦ PRATA ♦ RELÓGIOS

Rua Martim Moniz, 2-10 — Telefone 28336
Rua da Mouraria, 7-11 —————> LISBOA

Companhia Alcobia

Móveis — Estofos
Decorações

~
No seu género, uma das melhores
e mais conceituadas casas do País

★
RUA IVENS, 14 (Esquina da Rua Capelo)

LISBOA **Telef. 26441**



Camilo Castelo Branco

O mais apreciado e o mais português
de todos os romancistas

Edição popular das suas principais obras
em 80 volumes

Conheça, Leia, Aprecie Divulgue

CAMILO

EDIÇÕES DA

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

RUA AUGUSTA, 44 a 54

Telef. 31730 End. teleg. PARCEPEREIRA

Ter em sua casa e dar aos amigos louça da

VISTA ALEGRE

é uma tradição lisboeta com mais de 100 anos

.....
Largo do Chiado, 18

Oferta

27. JUL. 1988

LISBOA

B O L E T I M T R I M E S T R A L

ANO XV

JULHO DE 1952

NÚMERO 59

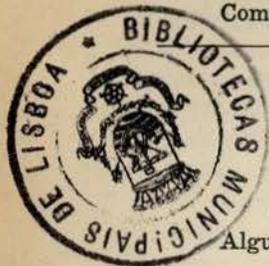
DIRECTOR: MATOS SEQUEIRA EDITOR: FRANCISCO VALENÇA

Edição e Propriedade do

GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

Redacção e Administração: Rua Garrett, 62, 2.º — Telefone 2 5711

Comp. e imp. na «Editorial Império, Lda.» — Rua do Salitre, 151/155



SUMÁRIO

Alguns desenhos inéditos de Lisboa do fim do Século XVIII, por <i>Francisco Cordeiro Blanco</i>	183
Tentativa de identificação de nove desenhos do álbum dos Con- des de Linhares — Comentário ao Estudo do Dr. Cordeiro Blanco, por <i>Gustavo de Matos Sequeira</i>	199
Vistas de Lisboa (Continuação), por <i>António de Aguiar</i>	202
Grupo dos Amigos de Lisboa — Assembleia Geral de 1952 — Relatório da Junta Directiva — Parecer da Comissão de Contas	207

NA CAPA — Torre Pentagonal, parte da muralha, e um pedaço do Palácio Belmonte,
segundo a interpretação de J. Espinho

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores

ALGUNS DESENHOS INÉDITOS DE LISBOA

DO FIM DO SÉCULO XVIII

por FRANCISCO CORDEIRO BLANCO

NOTA LIMINAR

É Rudyard Kipling quem o diz — e todos devemos acreditá-lo, visto que o afirma peremptoriamente —: *Il n'y a rien d'infaillible au monde que les femmes, si l'on excepte les obligations foncières de l'État, émission 1879, avec intérêt à 4 1/2* (1).

Quanto à primeira sentença, está ela, por essência, fora de toda a discussão e comentário. Pelo que respeita à segunda, devemos dizer que assim o pensam, também, e acertadamente, é bem de ver, quase todos os que, entre nós, detêm a vil pecúnia, e nomeadamente algumas das grandes empresas de publicidade, para as quais as edições de Arte são extravagâncias aventureiras, que devem ceder o passo ao romance policial, isto para difusão da verdadeira cultura à razão, não de 4 1/2 %, como diria Kipling, mas de percentagem choruda.

Felizmente que ainda há, no nosso meio, agremiações como o Grupo *Amigos de Lisboa*, para as quais a divulgação das coisas eruditas sobreleva as percentagens interesseiras e cuja benemérita influência já há anos se está a fazer sentir como estímulo e bom exemplo.

A misteriosa e interessante colecção de desenhos que adiante se admira — a constituir parte de um grupo por sua vez integrado num curiosíssimo Álbum do qual a seguir falarei — vem a público tutelada pelo prestante agrupamento olisiponense, porque entendi, como paroquiano nado e criado nesta boa urbe banhada pelo Tejo, que me incumbia promover a incorporação, no historial da cidade, de mais alguns documentos cheios de histórico atractivo local. E, para tal efeito, é evidente que só a esta porta devia bater.

Mas, há que fazer a narração do descobrimento dos sobreditos documentos e dizer porque apareço perante o público leitor a falar primeiro do que o insigne e consagrado autor de *O Carmo e a Trindade*. Por motivos óbvios, não se pode caracterizar como um prefácio, se-

(1) *Sous les Déodars*, pág. 42. Paris, Nelson. Editeurs.

gundo o que vulgarmente se entende, quanto me incumbe dizer. É, tão-sòmente, uma nota, uma simples nota com uma explicação preliminar para ajudar o leitor a compreender porque surgem aos seus olhos os desenhos sobre os quais vai Matos Sequeira discretar eruditamente.

☆

Fanático, confesso, pela obra desenhada de Domingos António de Sequeira, desde há largos anos que ando empenhado não só em investigações sobre a história biográfica do Artista como em exumar, inventariar e estudar todos os inéditos seus que posso haver às mãos. E, como intensificasse, a partir de 1946, essas pesquisas, tive a boa fortuna de descobrir em primeiro lugar, na posse do Sr. D. Manuel de Sousa Coutinho, um esplendoroso Álbum com 51 desenhos do grande Mestre e, depois, uma série de preciosidades, algumas das quais tenho ainda pendentes de estudo. Em 1948, consegui, também, extrair dos arquivos parisienses dois documentos que esclarecem decisivamente outros tantos passos da biografia do genial desenhador, os quais espero poder publicar dentro em pouco, com os comentários que se impõem. Mas um livro que escrevi sobre o Álbum ⁽²⁾ a que acima aludo — o qual contém, sob certos aspectos, a mais sensacional colecção de desenhos de Sequeira — aguarda, há quatro anos, quem o edite, pois desde 1947 o tenho pronto para ser publicado ⁽³⁾.

Ora, sucede que, nesse ano, o Sr. Conde de Linhares — que tivera a bondade de facilitar em muito o meu trabalho, pela grande cópia de informações que se dignou prestar-me, por vários documentos que me facultou e até por alguns juízos interpretativos que sugeriu — me informou certo dia saber da existência, na sua família, de um outro Álbum de desenhos da autoria de Sequeira. A dona era, esclareceu, a Sr.^a D. Isabel de Sousa Coutinho Soares de Albergaria, filha do 3.^o Conde de Linhares, e, segundo a tradição familiar corrente, os desenhos haviam sido feitos por Sequeira, enquanto dava lições de pintura a D. Gabriela Azinari di San Marzano, mulher do grande D. Rodrigo de Sousa Coutinho. De tal facto, acrescentava, já no seu tempo se fizera eco, a confirmá-lo, a 2.^a Condessa de Linhares (D. Catarina).

Recebi a notícia com o alvoroço que é fácil de calcular. E, poucos dias depois, graças ainda à amável interferência do Sr. Conde de Linhares, já tinha o Álbum à minha disposição. Folheei atentamente a colecção, mirei e remirei os desenhos, a castiça encadernação, a marca-

⁽²⁾ Descrevi-o num artigo publicado em 1947, na Revista ilustrada de Cultura «Prometeu», do Porto, no fascículo duplo com os números 3 e 4, Vol. I, Junho e Agosto daquele ano. Fiz, também, sobre ele, no Museu Nacional de Arte Antiga, em 12 de Maio de 1948, uma comunicação, com projecções, à 94.^a sessão de estudo dos Conservadores.

⁽³⁾ Ver, novamente, o que, a propósito de Kipling — Ob. e loc. cit. — atrás escrevi.

-de-água do papel, e concluí que possuía nas minhas mãos um ninho de enigmas. Mas, desde logo verifiquei que Sequeira nada tinha que ver com eles.

Motivos particulares forçaram-me, entretanto, a abandonar as minhas investigações, as quais só presentemente me foi possível reatar.

Mas para que me fosse confiada de novo a misteriosa colecção houve o pedido que ser transmitido, mais uma vez por intermédio do Sr. Conde de Linhares, agora à Ex.^{ma} Sr.^a D. Ana Soares de Albergaria Noronha da Costa e ao Ex.^{mo} Sr. D. Bartolomeu Noronha da Costa (S. Miguel), seu marido, por ter, entretimentos, falecido a Sr.^a D. Isabel de Sousa Coutinho Soares de Albergaria. Assim, os agradecimentos que me cumpre publicamente aqui exarar, pelas facilidades que me foram concedidas, dirigem-se hoje, pela triste razão que aponto, à filha e ao genro da ilustre Senhora.



Reli então os apontamentos que tomara aquando da primeira consulta ao Álbum. Revi uma vez mais todos os desenhos. E os factos que comprovei são os que a seguir indico, com as conclusões que uma reflexão atenta me sugere.

O Álbum, encadernado em linho, à antiga, com as cordas por fora, como se usou até princípios do Século XIX, e apertado por fitas de nastro, mede, na capa, 0,215 X 0,306. Contém 104 folhas e todas, excepto uma, têm como marca-de-água um cavalo a galopar, a qual não é, porém, a que vem reproduzida no livro de Ataíde e Melo — *O Papel*. As folhas medem 0,206 X 0,300.

O Álbum não tem qualquer indicação do nome das pessoas a quem pertenceu e os desenhos não estão assinados. Depois de uma folha de guarda abre com uma série de dezasseis graciosos desenhos de figura, feitos a lápis, aos quais se segue um esboço, também a lápis, muito esbatido, mas debuxado com mão de mestre, onde se entrevêem duas construções de estilo clássico. E, na página seguinte, desenhado à pena com forte aguada de tinta da China, uma grande arcada à qual se encostam várias colunas cujos capitéis sustentam um entablamento rematado por uma balaustrada já quebrada em vários sítios. O artista que delineou as dezasseis primeiras composições será o mesmo que fez estes dois desenhos? Os problemas que a colecção nos traz são já tantos que será insensatez acrescentá-los por nossas mãos (*).

As setenta e uma páginas que depois se folheiam estão nuas. Aparece no fim um outro grupo de treze desenhos, todos eles à pena e

(*) Como é contra todas as regras falar em obras de arte inéditas, sem as descrever, ainda que sumariamente, dou, em apêndice, a relação completa das composições não abrangidas no comentário aos desenhos olisiponenses.

aguarelados a tinta da China ou a sépia. Vem em seguida uma folha com quatro árvores desenhadas a lápis e na parte de fora da folha de guarda entrevê-se o esboceto, muito desvanecido, de dois troncos de árvores sem copa, os quais não se inserem no solo.

Os dois conjuntos são absolutamente distintos, quer quanto aos temas, quer quanto à maneira como os artistas os delinearão. Porque não se me põem dúvidas de que foi diferente a mão que interveio na elaboração de uns e outros desenhos.

Tenho, é certo, de cingir-me ao facto de só virem agora à luz da publicidade os desenhos de feição olisiponense. Mas não posso abstrair, para discutir a presumível atribuição de autoria que os acompanha a todos, do carácter e do estilo dos dois grupos de composições. Ora a série dos encantadores agrupamentos que constituem a primeira parte do Álbum está tão longe da verdadeira maneira sequeiriana, como igualmente se encontra a segunda. Sequeira foi um clássico. Tudo que criou tem o selo do classicismo em que culturalmente se formou e viveu. Jamais ele transigiu com o preciosismo e em fazer arte com a frivolidade ou com a elegância fútil dos peralvilhos. Desenho de figura, sim, mas de homens verdadeiros e não de bonecos. Depois, a que vêm aquelas árvores, aquelas construções urbanas, ele que nunca se interessou pelas vistas campestres ou perspectivas citadinas senão episódicamente? Não, Sequeira não gizou uma única destas composições e, salvo o devido respeito, a autoria que a tradição familiar lhe atribui, não está certa.

Se houvesse um índice gráfico da técnica e do estilo do desenho — coisa que nunca se fez e que, por certo, jamais se fará — lá encontraríamos a linha e a maneira sequeirianas em lugar bem distinto do de todos os demais cultores do processo e a respeitável distância dos autores destas obrinhas.



É ponto de fé para mim, como disse, que Sequeira não trabalhou neste Álbum. Todavia, ao folheá-lo, por duas vezes me ocorreu o seu nome. Lembrou-me Sequeira a estampa que se encontra a páginas X, que foi feita em papel avulso, de tipo diferente do que compõe a colecção e não tem qualquer marca-de-água. O dono do Álbum cortou uma página deste, mas deixou uma tira com a largura suficiente para nela ser colada a aludida folha avulsa, na qual já haviam desenhado a composição, que — caso estranho! — é a *única* desta série que mostra figuras. Ora o recorte delas lembra as debuxadas em certas folhas de Álbum, já publicadas, da autoria indiscutível de Sequeira. Muito misterioso tudo isto! Tendo por pano de fundo as ruínas do que parece ter sido uma igreja, um grande grupo ajuda ou assiste ao carregamento

com entulho das golpelhas que duas bestas transportam. Porquê a folha cortada? Porquê a folha colada?

Veio-me novamente à memória o nome de Sequeira a propósito do desenho a folhas XII, o qual representa um aglomerado de algumas construções que se encontram em vários planos, aqui e ali cingidas por platibandas decoradas com grandes vasos, uma ou outra árvore a compor o quadro e o todo sobrepujado por um maciço em forma de torre. No Álbum que o Artista trouxe de Itália e se guarda no Museu das Janelas Verdes — no qual, além de ter registado leves notas de viagem, Gibraltar, a entrada no Tejo e pormenores da excursão que fez mais tarde com o Conde de Forbin a Alcobaça e à Batalha — há uma paisagem de uma construção urbana com alguns ciprestes que lembra a composição a que acima aludo. Simples coincidências, porém, que nenhuma hipóteses autorizam.



Como explicar então a existência do Álbum em poder da família Sousa Coutinho? Segundo a tradição a que atrás aludi, já a 2.^a Condessa de Linhares ligava o nome de D. Gabriela di San Marzano ao Álbum, embora, é certo, só para dizer que os desenhos tinham sido feitos por Sequeira, enquanto decorriam as lições de pintura à futura 1.^a Condessa de Linhares. Isto me sugeriu a ideia de que o Álbum tivesse sido trazido de Itália por D. Gabriela, já com a primeira parte desenhada, tanto mais que nela aparecem uma canoa com uma vela enxadrezada — pormenor nitidamente mediterrânico — e um carro sem fueiros, de leito levadiço para transporte de pipas, coisa nunca entre nós usada, ao que presumo, mas empregada, contudo, em certos países da Europa ⁽⁵⁾. Os terminais metálicos das coelheiras dos cavalos também não são portugueses ⁽⁶⁾.

Mas, se o Álbum foi trazido para Portugal por D. Gabriela, não foi ela, ao que me parece, quem desenhou os gentis grupinhos que se estadeiam na parte inicial da colecção. Disso me convenci depois de a Sr.^a D. Ana Soares de Albergaria Noronha da Costa, dona da preciosa colecção, me apontar em sua casa, entre outras recordações inestimáveis de família, um belo quadro a pastel, que representa Ester a implorar clemência para o seu povo ao Rei Assuero, quadro durante muito tempo atribuído a D. Gabriela, mas só agora identificado, no decorrer deste trabalho, como de sua autoria ⁽⁷⁾.

⁽⁵⁾ Ver *Petit Larousse Illustré*, na palavra *Haquet*.

⁽⁶⁾ No Museu de Zurique vi a miniatura de alguns cavalos atrelados, cujas coelheiras eram rematadas por pontas metálicas levemente recurvadas, em tudo semelhantes às indicadas nestes desenhos.

⁽⁷⁾ A notável obra de arte mede exactamente 0,75 de altura por 1 m. de largura.

Como desde logo me tivesse surpreendido a sua invulgar beleza, pedi auto-

Ora a magnífica composição mostra que a futura 1.^a Condessa de Linhares era uma artista excepcional, que nada tinha que aprender, e de quem se pode porventura dizer que, já ao tempo, era uma pintora feita. E, assim, quando olhámos para o quadro, logo vimos comprometida a hipótese das lições, com o mestre a improvisar pequenas composições desenhadas enquanto vigiava o trabalho da pretendida aluna. Na verdade a modelação das figuras, o realismo e movimentação do agrupamento, a largueza de linhas, a justeza e frescura do colorido e a nobreza das atitudes dão à pintura uma alta categoria estética cujo estilo não se ajusta, de forma alguma, àquilo que transparece nos quadros da primeira parte do Álbum.

Todavia, se os nomes de Sequeira e de D. Gabriela não podem fixar-se, pelos motivos que atrás se registam, entre os dos seus possíveis autores, restaria, assim, considerar o problema da autoria do se-

rização para fazer dela uma reprodução fotográfica. Quando, porém, se verificou que os reflexos do vidro impediam uma boa focagem da lâmpada eléctrica, o Sr. D. Bartolomeu Noronha da Costa, muito amavelmente, permitiu que se desencaixilhasse a pintura. O Sr. Horácio Novais começou a ensaiar a incidência da luz e ao aproximar um pouco mais o foco fez notar que havia uma assinatura por sobre o rebordo do degrau do trono do Rei Assuero. Com grande surpresa todos notámos que se lia nela o nome da autora, escrito nestes termos: *Gabriella de Sousa Pinxtt Taurini 1796*. Foi com muita satisfação que assim verifiquei ter concorrido para ficar esclarecido mais um dado biográfico da ilustre senhora, cujo perfil literário-artístico eu já fizera, resumidamente, anos antes, no Álbum do Palácio de Arroios.

O Sr. D. Bartolomeu Noronha da Costa houve por bem informar-me que, na sua casa da Beira, possui um outro pastel, muito belo também, com a mesma atribuição de autoria. Representa, dentro de uma moldura ovalada, o busto de uma mulher envolta num véu. Logo que me seja possível alcançar uma fotografia deste segundo quadro, é meu propósito fazer a publicação dos dois. As outras preciosidades dignas de atenção ou de estudo que vi junto ao quadro magistral de D. Gabriela são: uma tela a óleo, atribuída a Sequeira, a representar o busto de um monge em êxtase, muito dentro da maneira do *S. Bruno* da série de Laveiras, nomeadamente do quadro que está no Museu Nacional de Soares dos Reis; uma gravura de Bartolozzi sobre desenho de Vieira Portuense, feita em Londres e datada de 1799, a qual mostra uma figura feminina — Angélica Kaufmann — vista até aos joelhos, de perfil, à esquerda, sentada a uma mesa copiando um quadro, a lápis, a representar um homem seminú.

Esta estampa, segundo informação que devo à amabilidade do ilustre autor da *História da Gravura Antiga*, Sr. Ernesto Soares, é a que, sob o n.º 334, se encontra na obra, impressa em Londres, em 1 de Agosto de 1799 por Bartolozzi e Vendramini, com o título: *«Elements of Drawings by Francis Bartolozzi R. A. and Francis Vieira Portuensis containing both original Designs and copies from ancient Masters»*; a secretária que pertenceu a D. Gabriela decorada, na face da gaveta superior, com pequenos florões a óleo, um escudete de cada lado nos quais se lê, respectivamente, «Madame» «Sousa», ao meio as armas dos Sousas Coutinhos e dos San Marzano e as iniciais da mesma D. Gabriela; um cadeirão, de belas linhas, que foi do Principal Sousa; um exemplar da célebre litografia, feita em Paris, por Sequeira, à memória do Marquês de Marialva e ainda o *Fauno e a Bacante*, desenho de Vieira Portuense, gravura de Bartolozzi com a particularidade de mostrarem os dois exemplares a seguinte dedicatória, escrita a lápis: «Para a Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Sr.^a D. Gabriella de Souza. Vieira».

gundo grupo no qual estão abrangidas as imagens olisiponenses. Contudo, este enigma afigura-se-me mais impenetrável ainda, se é possível, muito embora se deva presumir português o autor das aludidas composições e a trabalhar nelas enquanto se mostravam à vista as ruínas e estragos causados pelo terremoto.

Mas, se estas, também, não são atribuíveis a Sequeira nem a D. Gabriela, quem as traçou de sua mão?

Continuando a mover-me dentro do campo das suposições, direi que bem poderia ter sido alguém, hoje esquecido, com dons artísticos e amor às coisas olisiponenses que, entre os parentes, amigos e satélites dos poderosos senhores do Palácio de Arroios, solar dos Sousa Coutinho, metesse ombros ao empreendimento.

Como quer que seja e graças à interferência do Grupo *Amigos de Lisboa*, vem agora a público parte do interessante Álbum de que acabo de dar notícia sumária.

Consequirei eu, ainda em vida minha, fazer publicar o que fica inédito e cujo valor, segundo opino, sobrepuja o que agora é divulgado?

Júpiter decidirá, como diziam os Gregos.

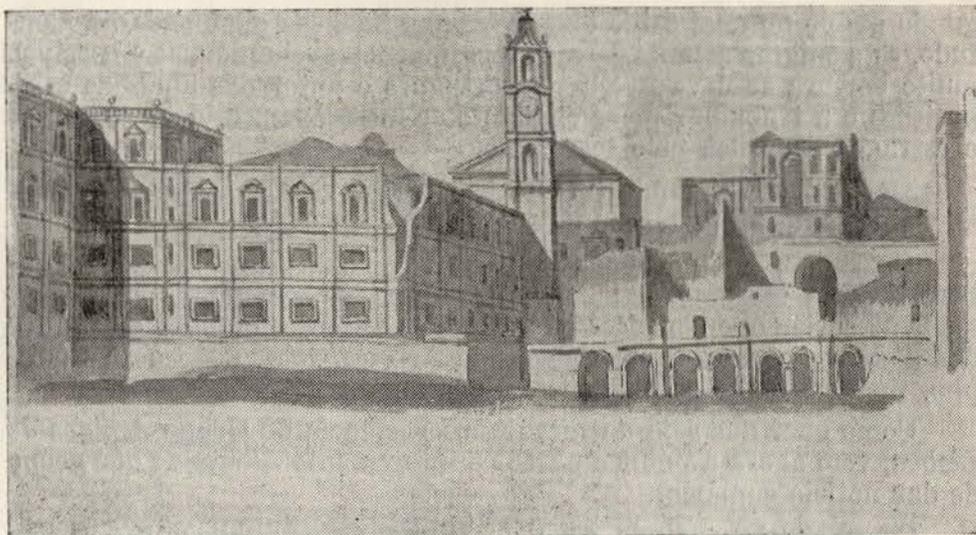


FIGURA 1

O Paço da Ribeira, arruinado pelo terremoto



FIGURA 2

A Igreja e o Convento de Nossa Senhora da Graça

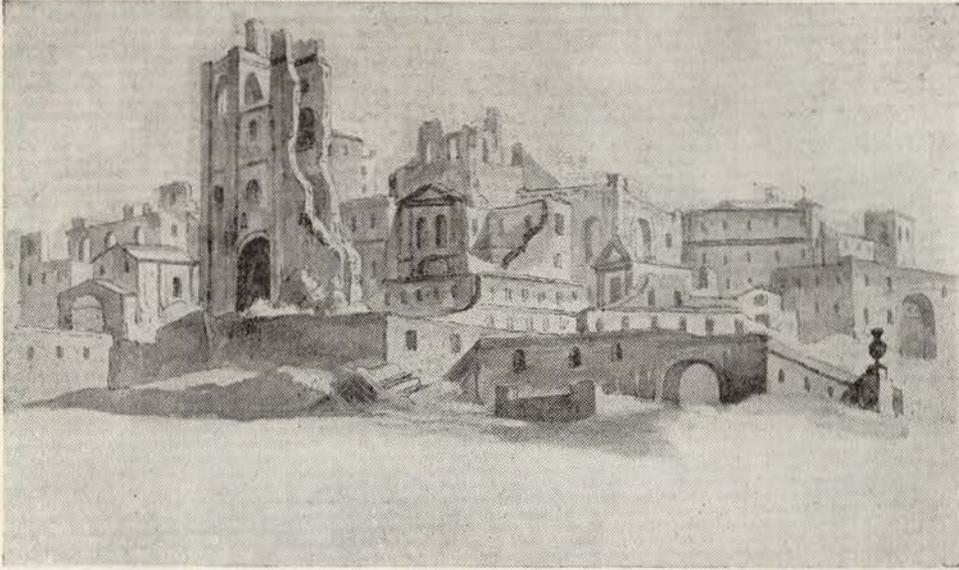


FIGURA 3
A Sé, arruinada pelo terremoto



FIGURA 4
O Convento da Estrelinha?

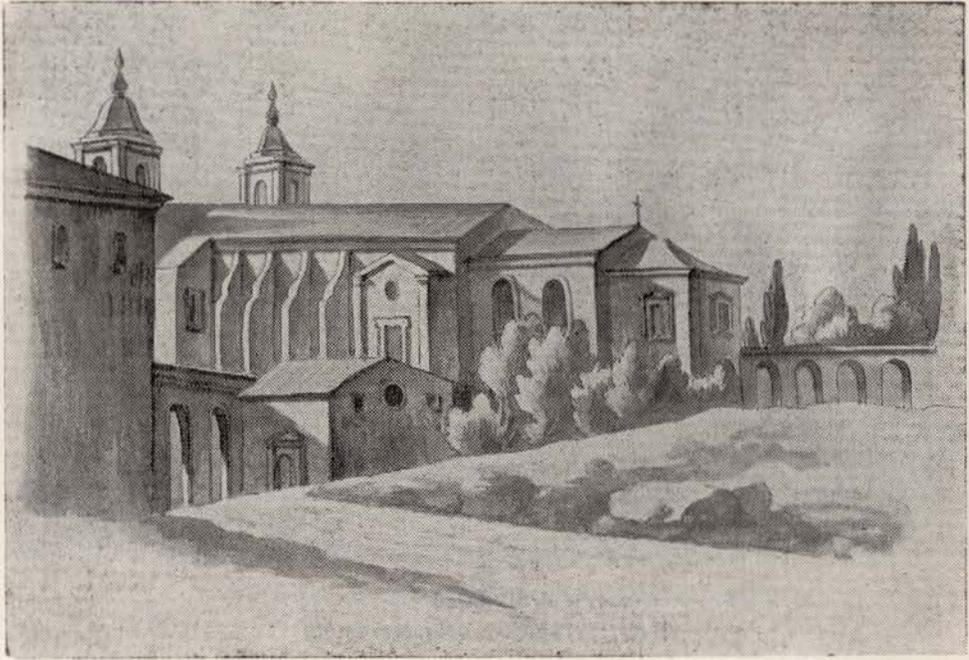


FIGURA 5
Uma Igreja de Lisboa?

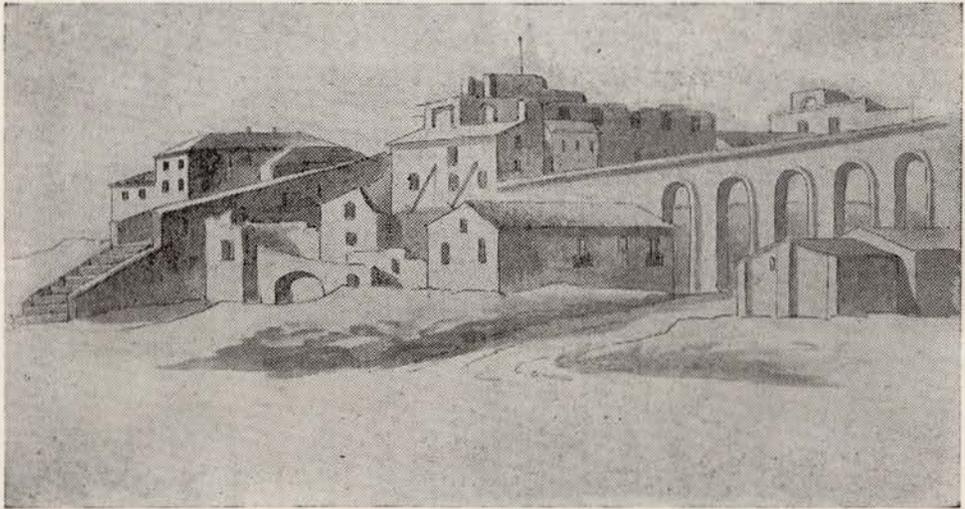


FIGURA 6
Agrupamento de casas ao sopé de um morro fortalezado, e junto de um aqueduto



FIGURA 7
Uma Igreja de cruzeiro cupulado. (A Basílica da Estrela?)

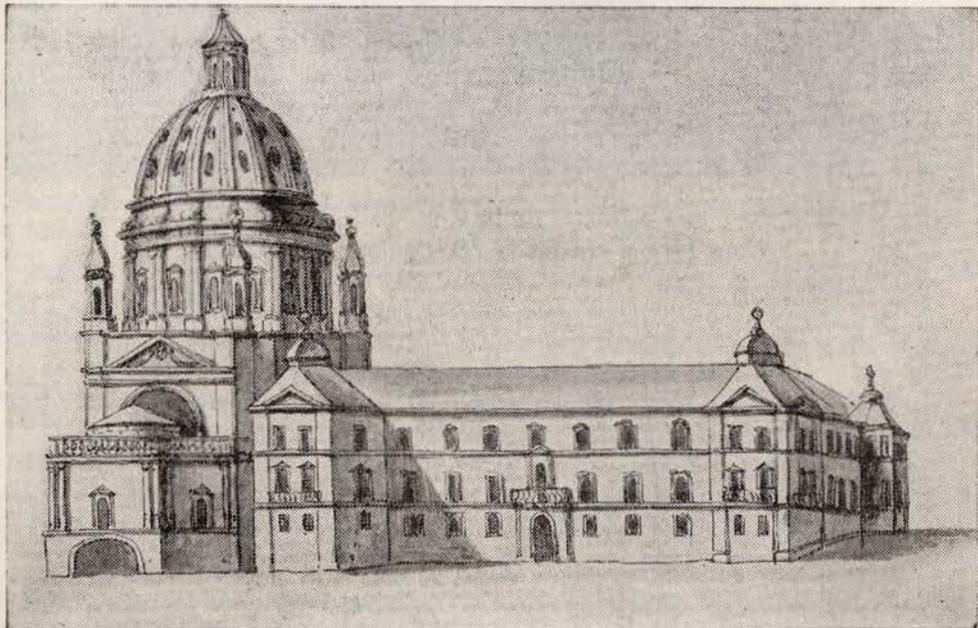


FIGURA 8
Outro (ou o mesmo templo) com aproximada estrutura arquitectónica. (A Estrela?)

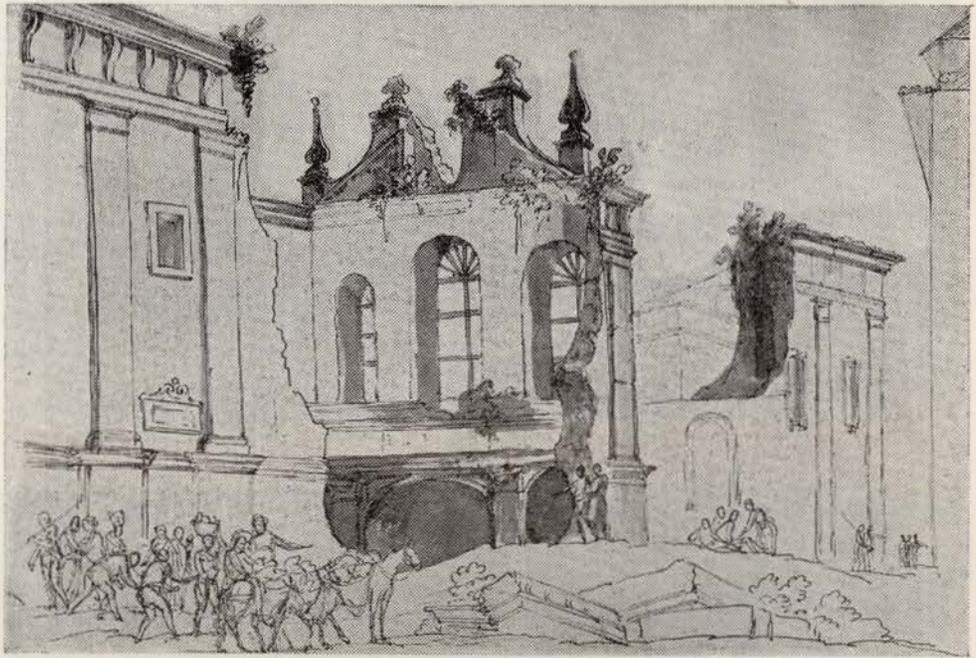


FIGURA 9
Uma Igreja arruinada (S. Paulo?, S. Julião?)

APÊNDICE

Relação dos desenhos do primeiro grupo

Est. I — Desenho a lápis. Alt. — 0,105. Larg. — 0,300. À esquerda, três homens junto a uma balança romana armada num tripé, procedem à operação de pesagem, enquanto um outro, sentado, toma notas num papel. Antepõe-se-lhe no primeiro plano um pequeno grupo onde figuram duas senhoras, uma das quais parece dar a mão a beijar a um Capelão. Junto do agrupamento, dois cães. Um mendigo, amparado numa muleta, pede esmola. Ao fundo, no último plano, um carregador transporta um fardo. Ao centro e no segundo plano, duas figuras, uma das quais um soldado e a outra um homem de largas vestes de corte levantino. A seguir dois homens uniformizados, um deles com um espadim à cinta, debruçam-se sobre um fardo. O da direita, com um pincel e um pequeno pote de tinta nas mãos, marca um volume e apõe-lhe os rótulos para o embarque. Desse mesmo lado quatro homens acomodam outros volumes. Vêem-se vários balotes já marcados, caixas e barricas. Na extrema direita do primeiro plano, um homem encosta-se, a um rolo, tendo na mão um pau. Quase ao centro, um outro, de barrete, dorme, sentado, sobre uma trouxa e reclinado noutra.

Est. II — Desenho a lápis. Alt. — 0,92. Larg. — 0,300. À esquerda, junto a uma pipa, sobre a qual está colocado um cântaro, uma mulher parece oferecer de beber. A seus pés uma outra mulher, que tem ao lado um homem, também sentado, prepara-lhe a comida. Mais quatro homens, um deles fumando cachimbo, compõem o grupo. Dois deles estão encostados a uma grande âncora. No segundo plano, um casal, sentado sobre um fardo, tem junto dele duas crianças. Em redor, pequenos volumes e três garrações encanastrados. Na extrema direita vêem-se de costas dois homens que transportam, a pau e corda, uma barrica.

Est. III — Desenho a lápis. Alt. — 0,80. Larg. — 0,300. À esquerda, no segundo plano, um carro de leito móvel, próprio para transportar vasilhame, ao qual estão atrelados dois cavalos em fila. Junto dele seis homens procedem à descarga de pipas. No primeiro plano e ao centro, sentada cerca de uma pedra e sob um grande chapeirão, uma mulher com um cabaz de fruta. Perto dela duas senhoras, uma das quais segura pela mão um menino, e um homem de calção e meia e chapéu de três bicos. A segunda figura feminina parece guardar no avental alguma fruta. À direita, no segundo plano, quatro homens acomodam alguns fardos num bote. Nota: a figura da vendedeira aparece repetida na *Est. VI*.

Est. IV — Desenho a lápis. Alt. — 0,111. Larg. — 0,275. No primeiro plano, à esquerda, um homem, encostado a um fardo e segurando um varapau, guarda diversas mercadorias. Ao fundo, com a ajuda de um guindaste, cinco homens içam

para bordo de uma embarcação vários volumes, enquanto outro, de cachimbo na boca, parece vigiar os trabalhos. À esquerda, no último plano, três homens amarram um pequeno bote. Vários outros grupos se vêem espalhados pelo cais, ocupados em diferentes trabalhos. Ao centro, dois homens levantam, a pau e corda, um volume. Três outros rolam uma pipa. No primeiro plano, à direita, um homem de calções e torso nu estica uma corda, na qual aperta um fardo. Junto dele um outro marca um volume. Ao fundo, também à direita, três homens ensacam quaisquer artigos, enquanto outros três, junto ao que parece ser uma balança de tripé, procedem porventura à sua pesagem. Uma criança dorme em cima de um fardo. Junto ao grupo maior de mercadorias cinco homens, em conferência. De costas para eles, encostado a uma barrica, um outro, de barrete. Nota: A figura do guarda armado de varapau e com uma mochila ou o que quer que é, acha-se repetida exactamente na mesma posição, na Est. I. Em ambas aparece de pé descalço.

Est. V — Desenho a lápis. Alt. — 0,078. Larg. — 0,255. À esquerda, dois homens sustêm, a pau e corda, um volume triangular. Vêm-se a seguir seis outros, de turbante e largas vestes levantinas e uma mulher envolta em belas roupagens. Ao centro um estivador cinge de cordas um fardo. Um outro desloca um grande pote de barro, junto ao qual se encontram mais três talhas e duas grandes âncoras. Ao centro, no segundo plano, duas figuras transportam, pendurado de um pau, um balde. Um homem marca um fardo. No último plano, à direita, outro grupo levantino, de turbante e dois dos carregadores de capas. Virado, outro, com um volume às costas.

Est. VI — Desenho a lápis. Alt. — 0,120. Larg. — 0,265. De costas, e sentada sobre uma peça de artilharia, uma vendedeira, de lenço e grande chapeirão na cabeça. Por detrás dela mais duas peças e na sua frente uma outra mulher escolhe, num cesto, o que vai comprar. À direita um grupo de dois homens e duas mulheres, uma delas de grande chapéu e com uma canastra à cabeça. No segundo plano, à direita, passam um soldado e um carregador. Nos últimos planos vários escaleres vogam a remo, enquanto outros, atracados, na praia, carregam mercadorias.

Est. VII — Desenho a lápis. Alt. — 0,75. Larg. — 0,265. À esquerda, vêem-se, assentes em barrotes, quatro peças de artilharia, a uma das quais um grupo de sete homens trata de limpar o ouvido. No último plano, ao centro, um escaler a remos afasta-se da praia. À direita, sentado, com um maço e um soquete nas mãos, um homem carrega uma bomba que tem diante de si. Um homem e uma mulher de vestes ricas assistem ao trabalho, tendo junto de si um cão e uma carreta com três pequenas peças.

Est. VIII — Desenho a lápis. Alt. — 0,80. Larg. — 0,250. À esquerda, a rodear um morteiro, de forma desusada, metido dentro de uma caixa, um grupo, talvez de oficiais e soldados, procede a medições. Ao centro, encostado a uma carreta com três pequenas peças, um homem que olha o trabalho de dois outros que ali descarregam balas para morteiro. Ao fundo um grupo de elegantes, constituído por cinco homens e uma senhora de sombrinha aberta.

Est. IX — Desenho a lápis. Alt. — 0,113. Larg. — 0,260. No primeiro plano oito homens arrastam uma peça colocada no seu reparo. Ao fundo, dois homens

çam, numa cabrestilha, uma outra peça para a colocarem na sua carreta. Junto deles um soldado com uma vareta nas mãos. À direita, duas figuras de casaca, calção e meia e chapéu de três bicos.

Est. X — Desenho a lápis. Alt. — 0,60 Larg. — 0,230. À esquerda, dois oficiais de espadim à cinta, dão instruções para a medição de algumas balas de morteiro. Procedem a essa operação, munidos de compassos de espessura dois homens, enquanto um outro parece fazê-lo com uma régua. No meio do grupo uma figura que representará porventura um oficial tomando notas. À direita, homens que transportam balas em carrinhos de mão.

Est. XI — Desenho a lápis. Alt. — 0,97. Larg. — 0,270. À esquerda, no primeiro plano, um grupo de oficiais em conferência, tendo um deles um papel na mão e um outro um compasso. Junto deles dois pequenos cães brincam. No segundo plano vários homens içam uma peça de artilharia, servindo-se de um guindaste armado sobre rodas. No último plano, vêem-se três barcos e uma leve linha de colinas fechando o horizonte sobre o mar. À direita, ao fundo, umas construções um pouco indistintas.

Est. XII — Desenho a lápis. Alt. — 0,82. Larg. — 2,70. À esquerda, no primeiro plano, vários homens, dentro de um escaler, recolhem redes. No segundo plano, um marítimo conduz, remando, dentro de um pequeno bote, um homem. À direita, uma galeota de toldo, movida por quatro remadores, transporta várias pessoas.

Est. XIII — Desenho a lápis. Alt. — 0,78. Larg. — 0,265. Duas galeotas de toldo, ambas com obras de talha à vista, e com numerosos passageiros dos dois sexos, preparam-se talvez para escolher melhor posição a fim de atracar a um pontão de passagem, dentro do qual vários homens põem passadeiras e procedem a outros trabalhos. Num outro bote, no segundo plano, à direita, dois homens fazem gestos como que a oferecer os seus serviços.

Est. XIV — Desenho a lápis — Alt. — 0,95. Larg. — 0,245. À esquerda, um pescador com um saco e um camaroeiro dirige-se para o mar. Junto à beira-mar um grupo de quatro pessoas, sendo uma delas uma senhora, de sombrinha aberta. Uma canoa com várias pessoas, entre as quais uma senhora enjoada e um homem que lhe assiste.

Est. XV — Desenho a lápis. Alt. — 0,80. Larg. — 0,285. Ao centro, no primeiro plano, um grupo numeroso de homens e senhoras fazem uma refeição à beira-mar. À esquerda, no segundo plano, alguns homens despem-se para tomar banho. Um homem junto a duas senhoras, uma das quais de sombrinha aberta, aponta para a esquerda um óculo. No último plano três botes, um dos quais com uma bandeira. À direita, alguns homens recolhem da praia uma rede. Em terra, junto à margem, quatro homens sentados e um pescador conserta uma rede colocada sobre um pau.

Est. XVI — Desenho a lápis. Alt. — 0,90. Larg. — 0,250. À esquerda, um estivador rola uma pipa. Um outro arrasta pelas mãos um animal. Ao centro uma figura, mal esboçada, segura uma rês presa por uma corda. Ao fundo e à direita,

levemente delineados, um homem segura por uma perna um porco, um outro transporta às costas um saco, um terceiro curva-se sobre uma tina ou dorna, enquanto um quarto empurra um volume cilíndrico.

Est. XVII — Desenho a lápis. Alt. — 0,290. Larg. — 0,204. Toda a composição, muito esbatidamente delineada, abrange o escorço de duas construções arquitectónicas ao gosto neoclássico, ambas de secção circular, a primeira assente sobre colunas e com uma cúpula, a outra sobre arcos-de-volta e rematados por um zimbório. Ao meio, alteia-se um tronco de árvore e à direita, junto ao plinto de uma coluna, uma estátua masculina, mutilada.

Est. XVIII — Desenho à pena, com aguada de tinta da China. Alt. — 0,208. Larg. — 0,300. No primeiro plano, respectivamente à direita e ao centro, um capitel caído e uma pedra lavrada. Segue-se um arco, através do qual se vê uma construção de estilo neoclássico, tendo de frente seis grandes colunas. Ao fundo, arcos-de-volta. Uma balaustrada, derruída em certos pontos, rematando uma platibanda sobre as colunas. No segundo plano, à esquerda, um pequeno edifício com um frontão assente sobre duas colunas.

Relação dos desenhos, não comentados, do segundo grupo

Est. I — Desenho a lápis. Alt. — 0,195. Larg. — 0,265. Quatro árvores.

Est. X — Desenho à pena, com aguada de tinta da China. Alt. — 0,205. Larg. — 0,300. Ruínas de um edifício, junto do qual se vêem várias figuras. À esquerda, um grupo de homens parece estar a encher de entulho as golpelhas colocadas em cima de dois cavalos. A notar que esta folha está colada. — Os desenhos de figuras, estes, sim que lembram os de Sequeira.

Est. XI — As duas composições ao alto da página, são à pena e a sépia. A da esquerda mede de alt. — 0,45 de larg. — 0,110; a da direita: de alt. — 0,50, de larg. — 0,160. A do fundo da página é à pena, com aguada de tinta da China e mede de alt. — 0,57, de larg. — 0,165. Três pequenas composições que representam, num fundo campestre, algumas construções de carácter indefinido.

Est. XII — Desenho à pena com aguada de tinta da China. Alt. — 0,150. Larg. — 0,260. No alto de um barranco, rodeada de várias casas e muros e de algumas árvores, uma construção maciça. Sobre alguns dos muros, vasos decorativos.

Est. XIII — Desenho à pena com aguada de tinta da China. Alt. — 0,137. Larg. — 0,300. Uma estátua defronte de um pórtico, com escadório, vendo-se ao fundo, à direita, vários edifícios. Poderia parecer que a composição figura o portal de um cemitério se, ao tempo, já os houvesse.

TENTATIVA DE IDENTIFICAÇÃO DE NOVE DESENHOS DO ALBUM DOS CONDES DE LINHARES

COMENTÁRIO AO ESTUDO DO DR. CORDEIRO BLANCO

por GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Muito bem diz o Sr. Dr. Cordeiro Blanco — que apaixonadamente se dedicou ao estudo dos Álbuns provenientes da herança do 3.º Conde de Linhares e de sua mulher, a Condessa D. Gabriela Azinari di San Marzano, discípula de Domingos António de Sequeira — que esta segunda série de desenhos acrescenta os problemas já suscitados pela primeira colecção. Entre os dois conjuntos, perfeitamente distintos, este último, que só poderá recordar o nosso grande desenhador numa minúcia de figuração (como inteligentemente foi observado pelo Sr. Dr. Cordeiro Blanco) de um desenho, talvez posteriormente incluso no Album, vem interessar especialmente a Lisboa. E este interesse dá-se, porque os treze desenhos que se seguem, num dos começos da colecção, nos falam da cidade do Tejo. É certo que nem todos se podem seguramente identificar. Há mesmo variadíssimos problemas postos em equação. Todavia os agrupamentos de casario têm, quase todos, um ar alfacinha.

Do primeiro problema — a autoria — já sobre ele o descobridor do Album discretoou lúcidamente. Não são positivamente de Sequeira, nem, com todas as probabilidades, da Condessa D. Gabriela Azinari di San Marzano, artista de outros recursos e de outro estilo, como se pôde inferir do exame de um quadro do seu pincel. Quanto ao período da sua produção, outras interrogações se levantam, algumas das quais, a admitir esta ou aquela época, contrariam a hipótese de neles se representarem edifícios lisboetas, a não ser estabelecendo-se um prazo demasiadamente longo para a sua execução. Assim, o desenho que figura decisivamente o Paço da Ribeira, está muito longe em tempo do que poderá figurar a Basílica da Estrela.

Da colecção dos treze desenhos, apenas nove dizem qualquer coisa que possa recordar aspectos da cidade dos fins do século XVIII e

princípios do XIX. Desses nove, três há que são seguramente figurações da nossa capital. O primeiro é o que representa o Paço da Ribeira em ruínas, vendo-se a Torre da Patriarcal, e ao fundo, no cômodo de S. Francisco, o convento e o templo dos Mártires, tal-qual estão no desenho, tantas vezes reproduzido, que se acha numa repartição oficial. O segundo é o Templo e Convento da Graça. As características arquiteturais sobram como elementos de identificação. O terceiro é a Sé, com a torre do Sul derruída pelo terramoto. Este desenho oferece a singularidade de apresentar a nossa catedral sem a estrutura e a cobertura das naves, como se estas tivessem sido arrasadas pelo sismo, o que faz suspeitar não ter sido tirado do natural e executado a poder de imaginativa. O conjunto de casario que enquadra o templo, marca-se igualmente por algumas ruínas de 1755.

O desenho que se segue (fig. 4) dá-me a impressão de querer figurar o Convento da Estrelinha, primeira sede em Lisboa dos monges beneditinos, e hoje Hospital Militar. A parte central da fachada está simplificada, mas as proporções e o recorte do edifício, e o adro que o enfrenta são bons indicadores. Resta identificar o misterioso campanário que se vê à direita.

As estampas numeradas de 5 e 6, têm a aproximá-las um pormenor — o Aqueduto ou Arcaria, que se observa à direita. Por mais que atente nos desenhos não consigo interpretá-los. Os quatro gigantes que amparam a empena do corpo do templo, não os topo em nenhuma igreja alfacinha. Pela situação e orientação, julguei algum tempo ver nele a Igreja dos Paulistas (Santa Catarina, actual). No outro desenho, a escadaria muralhada que vai ter a um pequeno morro fortificado, desconhecido em Lisboa, leva-me à hipótese de se tratar de qualquer aspecto fora da capital.

As estampas de página 193 (N.ºs 7 e 8) embora à primeira impressão possa julgar-se referirem-se ao mesmo monumento religioso, figuram dois templos diferentes. Partindo do princípio que se trata de Lisboa, logo nos acode à lembrança a Igreja da Estrela, que teria de ser desenhada muito depois da Sé e do Paço da Ribeira; mas pensando um pouco mais essa ideia desaparece por completo; num dos desenhos o corpo do edifício onde assenta a cúpula é rematado, nos cunhais, por quatro torrelas com ventanas sineiras (só três se vêem) e uma fiada de altas janelas cinge o primeiro corpo da cúpula; no outro, não se vêem torrelas, nem existem os janelões de ilumi-

nação. As duas torres que atalaiam a fachada só se observam nesta última composição. Na primeira o que avulta é o vasto edificio conventual atinente ao templo. Ora a Basílica fundada pela Rainha D. Maria I apresenta características architecturais em desacordo com qualquer destes desenhos: — as janelas do corpo da nave são altas e rectangulares, não há vãos de iluminação aos topos do cruzeiro, nem remates decorativos na balaustrada, e o edificio conventual não confere com o representado pelo artista. Igrejas deste tipo em Portugal só se conhecem mais duas (a Senhora de Ayres e Santa Quitéria de Meca), e a elas decerto não diz respeito nenhuma das composições do Album. Isto posto, quero crer que os desenhos sejam feitos de cor ou então que se não refiram ao conhecido templo lisboeta.

O último desenho (n.º 9) — o tal que foi adicionado por colagem da folha a uma carcela — oferece outros reparos. O principal deles é, evidentemente, tratar-se de outro artista. Mesmo que o agrupamento das figuras o não denunciasse, di-lo-ia o apurado do traço e a facilidade com que se reproduziu o aspecto da ruína. Não é fácil identificar a igreja, e nomear uma ou outra das que em Lisboa podiam aproximar-se da fisionomia architectónica figurada no desenho (São Paulo? São Julião?) parece-me atirar um pouco ao acaso uma hipótese bastante falível.

Ficaram em interrogações a maioria dos devaneios artísticos do desenhador ou desenhadora a quem aprouve fixar no curioso Album aspectos observados durante uma viagem ou no seu «séjour» na cidade do Tejo. Entretanto, julgo de toda a conveniência o aproveitamento de tais documentos. Pode ser que os problemas se resolvam. O Acaso — Deus dos investigadores — gosta às vezes de fazer súbitas aparições e de esclarecer os entendimentos e os olhos.

VISTAS DE LISBOA

por ANTÓNIO DE AGUIAR

(Continuação do n.º 57)

6

VISTA geral tirada do rio, onde se vêem vários barcos e os dizeres: *Tagus fluvius*. Na parte sup. da mancha, ao meio, tem a rosa dos ventos com os pontos cardeais. *Septentrio*, *Oriens*, *Miridies* e *Occasus*. À esq. tem o brasão de armas com as quinas e à dir., outro com uma nau. Tem 140 rubricas de referências dispostas em 8 colunas, sendo 6 na marg. inf. de 13 linhas cada uma e 2 na parte sup., a da esq. com 10 linhas e a da dir. com 12.

Insc. — OLISSIPO QVAE NUNC LISBOA, CIUITAS AMPLISSIMA LUSITANIAE, AD TAGUM TOTIS / ORIENTIS ET MULTARUM INSULARUM AFRICAEQUE ET AMERICAE EMPORIUM NOBILISSIMUM (na parte sup. da mancha).
Dim. — 474×370 mm. de vin.
Proc. — Gravura.

Esta espécie vulgarmente designada por *Braunio* pertence à mesma obra que a anterior.

Existe uma reprodução em litografia com as dim. 438×358 mm.

7

VISTA geral tirada do rio, tendo na parte sup. da man. um escudo de cada lado.

Insc. — LISBONA (na parte sup. da man. ao meio).
Subs. — *Fr.º Valegio f.* (na parte inf. da man. à esq.) — Francisco Valegio foi gravador e negociante de obras de arte em Bolonha, em 1560.
Dim. — 122×82 mm. de man.
Proc. — Gravura.

VISTA geral tirada do rio, onde se vêem vários barcos, entre os quais algumas muletas e um a remos, no canto inf. esq., transportando 7 personagens civis e eclesiásticas. Na metade sup. da man., ao meio, estão as armas reais de Portugal com coroa aberta, sustidas por 2 figuras aladas voando entre nuvens.

Esta estampa ocorre a pág. 134 e 135 duma obra alemã acerca de Portugal, pois que na pág. 133 que ocupa metade do verso se lê o seguinte, escrito em caracteres góticos: *Von Hispanien / DIE STATT / LISSBONA / Welche ist die Hauptstadt in POR-TUGAL / und eine der fürnehmsten stätten in gantz Hispania aussgetruckt nach aller form und gestalt / wie siezu unsern zeiten beschassen.*

A pág. 136, também no verso da estampa, é encabeçada por: *Das Under Buck*, seguindo-se o texto tipografado, que ocupa toda a lauda. Numa das suas linhas lê-se o ano de 1580. O séc. XVI está bem patente no desenho das roupagens das figuras aladas.

Insc. — OLISIPONIS ODER LISSBONAE DER SURNEHMEN / *und wergen des gewaltigen Kausmans Gewerb/ so alldagetrieben / weilbandten Statt in Spanien wahreabcontrafactur.* (por cima da man. em tipo gótico, em 2 linhas. No mesmo local tem no extremo esq. 134 e no dir. 135 que indicam o n.º das páginas).
LISSBONA (no meio da man. por baixo das armas reais).

Dim. — 364×224 mm. de man.

Proc. — Gravura em madeira.

VISTA geral tirada do rio, onde se vêem vários barcos, alguns com passageiros. A mancha é cercada por um emolduramento rectangular tendo na parte sup. um dossel formado por fitas entrelaçadas.

Na marg. inf. à dir. tem o número 430.

Insc. — LISBONNE CAPITALE DU ROYAUME DE PORTUGAL (na parte sup. da man. ao meio numa cartela com duas carrancas).

Dim. — 274×219 mm. de vin.

Proc. — Gravura.

VISTA geral tirada do rio. Na marg. inf. tem 18 referências numeradas de 1 a 18 e na parte sup. da mancha tem mais 31 referências numeradas de 19 a 50, sendo 3 colunas à esq. em italiano, e 3 colunas à dir., em alemão.

Insc. — LISSBONA (na parte sup. da mancha, ao meio, dentro duma filacteria).

Subs. — *Iohan Fried. Probst, excudit Aug. V.* (por baixo da man., à dir.).

Dim. — 1043×350 mm. de vin.

Proc. — Gravura.

11

VISTA geral tirada do rio, dentro duma moldura ornamental.

Insc. — A GENERAL VIEW OF LISBON, THE CAPITAL OF PORTUGAL (na man., ao fundo).

Subs. — *Sparrow sculp.* (por baixo da Insc.). *Engraved for Millar's New Complete & Universal System of Geography.* (na marg. sup.).

Dim. — 305×210 mm. de vin.

Proc. — Gravura.

12

VISTA geral tirada do rio, onde navegam barcos à vela e monitores. Tem 32 referências em 6 colunas, 3 à esq. e 3 à dir., de 7 linhas, na marg. inf., alfabetadas de A a U e de a a p.

Insc. — *To His Royal Highness George Prince of Wales—THE VIEW OF THE CITY OF LISBON, THE CASTLE, PORT &c. Is humbly Inscríb'd by His Royal Highness's Most Dutiful Most Devoted and Most Obedient Humble Servant C. Hawkins* (na marg. inf.).

Subs. — *Drawn by C. Lempiere, Revised & painted by R. Paton* (na marg. inf. é esq.). *Engraved by Ant. J. Walker* (na marg. inf. à dir.).

Dim. — 755×420 mm. de man.

Proc. — Gravura.

13

VISTA geral tirada do rio. Tem 13 referências de 3 linhas: à esq. em inglês e à dir. em francês.

Insc. — THE CITY OF LISBON AS BEFORE THE DREADFUL EARTHQUAKE OF NOVEMBER 1st. 1755 (na marg. inf. à esq. O mesmo em francês à dir.).

Subs. — *J. Couse sculp.* (na marg. inf. à dir.). *Printed for John Bowles at the Black Horse in Cornhil & Carington Bowles in St. Pauls Church Yard London* (na marg. inf. ao meio junto ao vinco).

Dim. — 410×255 mm. de vin.

Proc. — Gravura.

14

VISTA geral tirada do rio. Na parte sup. da man. tem uma carta topográfica com as margens do: *Riviere du Taje*, e na parte inf., à dir.: *Plan de Setubal abimé et Golfe*. À dir. tem a planta de Évora.

Na marg. sup. tem: *Planch 1.ère*.

Tem à dir. uma coluna de observações de 38 linhas.

Insc. — VEUE DE LISBONNE *avant d'etre reduite en morceaux de pierres par le tremblement du 1er Novembre 1755* (na parte sup. da man. no ângulo inf. esq.).

Dim. — 690×503 mm. de vin.

Proc. — Gravura.

15

VISTA geral tirada do rio. A inscrição é dividida ao meio por um brasão de armas com a divisa: *Honi soit qui mal y pense*.

Tem 35 rubricas de referências alfabetadas de A a Z e de a a k em 5 colunas de 7 linhas, na marg. inf.

Insc. — *To his Royal Highness George Prince of Wales THIS VIEW OF THE CITY OF LISBON AS BEFORE THE LATE EARTH-QUAKE Is humble Inscib'd by His Royal Highness Most Dutiful Most Devoted and Most Humble Servant Geo. Hawkins* (na marg. inf.).

Subs. — *Drawn by C. Lempierre, Revis'd & painted by R. Paton* (na marg. inf. à esq.).

Dim. — 685×352 mm. de man.

Proc. — Gravura.

16

VISTA geral, vendo-se no rio, no 1.º plano, a frota ancorada.

Insc. — LA FLOTTE ARMÉE NEUTRE ET CONFEDERE *a Lisbonne* (na marg. inf. à dir.). O mesmo em alemão, e o mesmo em francês na marg. sup. em caracteres invertidos.

Subs. — *Se vend a Augsbouurg au Négoce comum de l'Academie Imperiale d'Empire de Arts libereaux avec Privilege de Sa Magesté Imperiale et avec Defense ni d'en faire ni de vendre les Copies.* (por baixo do antecedente). *Collection des Prospects* (na marg. sup. à esq.). *Gravé par Balth. Frederic Leizel* (na marg. inf. à dir.).

Dim. — 412×300 mm. de vin.

Proc. — Gravura.

17

VISTA geral tirada do rio, onde navegam vários barcos, alguns com muitas pessoas.

Na marg. sup. à dir. tem o número 98.

Tem 2 colunas de referências em alemão, nas margens. A da esq. tem 42 linhas e a da dir. tem 8, começando por: *Bethlehem...*

Insc. — LISSABON *Die Konigliche Haupt und Rezidenz Staff in Portugal*
(na parte sup. da man. ao meio).
Dim. — 305×168 mm. de vin.
Proc. — Gravura.

18

VISTA geral tirada do rio.

Insc. — LISSEBON (na marg. inf.).
Dim. — 283×202 mm. de vin.
Proc. — Gravura.

19

VISTA geral tirada do rio, que está indicado: *Tagus Fl.*, tendo na parte sup. da man. as armas de Portugal, à esq. e um escudo com uma nau, à dir.

Tem 6 colunas de referências somando 37 rubricas.

Insc. — LISBOA (na parte sup. da man., ao meio dentro duma cartela).
Dim. — 497×365 mm. de vin.
Proc. — Gravura.

20

VISTA geral tirada do rio. Tem na parte inf. a todo o comprimento 4 linhas com 34 rubricas de referências remissivas ao texto.

Na parte sup. da man. tem, à esq., as armas nacionais e à dir. um escudo com uma nau.

Insc. — OLISIPO — LISABONA (na parte sup. da man., ao meio).
Dim. — 367×285 mm. de vin.
Proc. — Gravura.

21

VISTA geral tirada do rio.

Insc. — A GENERAL VIEW OF THE CITY OF LISBON OF THE KINGDOM OF PORTUGAL as it stood on the North side of the River Tagus before the late Earthquake on November 1st. & 8th. 1755 (na marg. inf.).
Subs. — *B. Cole sculp.* (na marg. inf. à dir.).
Dim. — 295×175 mm. de vin.
Proc. — Gravura.

(Continua)

GRUPO DOS AMIGOS DE LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL DE 1952

RELATÓRIO DA JUNTA DIRECTIVA REFERENTE AO ANO DE 1951

EX.^{mos} CONSÓCIOS:

O calendário, relógio grande que marca, não as horas, mas os meses e os anos, fez soar a badalada indicativa de que terminou o mandato trienal da Junta Directiva, que a vossa deiferência elegeu nesta assembleia a 22 de Janeiro de 1949. Três anos são decorridos e durante eles se assistiu ao progressivo desenvolvimento e embelezamento da nossa bela cidade de Lisboa, mercê de uma tarefa meritória em que se tem empenhado afanosamente a Câmara Municipal.

Sem propósitos de lisonja, temos de reconhecer que Lisboa conquistou um lugar de distinção entre as demais capitais da Europa, cuidando não apenas da composição exterior da sua «toilette», mas também da sua saúde moral e cívica, adquirindo hábitos, adoptando regras e cultivando preceitos de disciplina colectiva que lhe asseguram um atestado honroso no conceito universal.

O Grupo observa esse movimento com orgulho, e, se na verdade lhe não compete intervir nas decisões e muito menos na sua execução, pelo menos faz o que deve, acompanhando de perto e com carinho o progresso citadino, promovendo por meio das visitas de estudo a sua propaganda.

Na nossa instituição, pròpriamente, criou-se e procura-se fortalecer o amor a Lisboa, sem jactâncias bairristas, sem exageros despropositados, antes com reflexão ponderada, executando-se serenamente um plano metódico de divulgação e esclarecimento, em volta do qual se vai construindo, pedra por pedra, por meio da conferência, do livro, da prelecção, esse edifício gigantesco, que todavia nunca estará concluído, que é a História de Lisboa, para a qual carregam amorosamente materiais, em fraterna comunhão de ideal, todos os enamorados da velha Lisboa, cada vez mais nova.

Na Câmara, esse movimento ou digamos colaboração, é apreciado com simpatia e assim o Grupo, por meio dos seus mais competentes representantes, continua, como sempre, a ser solicitado para intervir

em comissões e em júris, a que os «Amigos de Lisboa» gostosamente se associam.

Registamos também que a Câmara Municipal nos obsequieia constantemente, enviando-nos numerosos cartões de convite para que os nossos consócios possam assistir a várias solenidades municipais, como conferências, inaugurações e outros actos públicos. Esses cartões sempre que recebidos sejam, serão distribuídos a todos os sócios que manifestem tal desejo, pela ordem de uma inscrição que a secretaria registará, mediante pedido.

Internamente, a instituição consolida as suas raízes, captando na alma da cidade, em cada ano, maior número de adeptos, que neste ano de 1951 ascende a 1.407 sócios, o que pode parecer insignificante em relação à cifra populacional do burgo, mas que é muito, se atendermos a que a vida do Grupo se confina a um sector intelectual onde — havendo lugar indistinto para todos — o clima não é propício à atracção das massas.

De resto, o mecanismo em que assenta a estrutura orgânica dos «Amigos de Lisboa», não funcionaria da mesma forma se houvesse que pô-lo ao serviço dum grande núcleo associativo. O tempo se encarrega de corrigir as mais experimentadas previsões, mas parece que este Grupo nunca deve aspirar a apoiar-se na multidão, mas tanto quanto possível num escol, não devendo aqui entender-se por escol apenas aqueles que sabem, por ilustração e inteligência, mas também os que sentem, por amor e dedicação.

No decorrer destes três últimos anos foram levadas a cabo várias iniciativas que muito enobreceram o Grupo e trouxeram até à mesa da Direcção mensagens de encómio, nomeadamente as conferências sobre a «Cor de Lisboa», o Circuito Turístico da cidade moderna, a visita oficial à cidade de Évora, e os serões olisiponenses, acontecimentos que serviram de padrão demonstrativo do vigor que anima esta instituição.

O nosso boletim trimestral *Olisipo* foi regularmente distribuído a todos os sócios, havendo que registar-se a profunda remodelação gráfica, de que foi objecto, segundo orientação técnica do nosso Director-Vogal sr. Luís Moita.

O seu conteúdo literário foi todo devido à preciosa colaboração dos nossos consócios, que nesse campo continuam a afirmar uma competência, que, por reflexo, acredita a nossa instituição. Restabeleceu-se a Secção «Feira da Ladra», destinada à publicação de pequenas notas, e que teve desde logo animada e numerosa concorrência de escritores.

O boletim continua a constituir um pesado encargo no nosso orçamento, ultimamente agravado, mais uma vez, com o sucessivo encarecimento de papel. O seu custo não anda já hoje longe de 10\$00 por

exemplar, mas a Direcção tem entendido que nem deve suprimir a sua publicação, nem diminuir o formato, nem mesmo deixar de o distribuir gratuitamente a cada sócio, e nesse propósito se manterá, decerto, enquanto as circunstâncias o permitirem, pois é só pela razão de receberem o *Olisipo* que muitas pessoas são sócios da agremiação.

A nossa biblioteca, cujo recheio ascende presentemente a cerca de 4.000 volumes, continuou a registar numerosas ofertas, que merecem todo o nosso reconhecimento.

O Grupo mantém o convénio que de longe vem, estabelecido com a Câmara Municipal, segundo o qual é por nosso intermédio que se promove a distribuição das edições camarárias, serviço que continua a funcionar a contento de ambas as partes, vindo a propósito declarar que a Câmara realiza uma política cultural firme e compreensiva, dando à luz da publicidade livros de grande interesse olisiponense, que de outra forma nunca poderiam ser publicados.

Novamente e como sempre, concorreu o Grupo com a sua barraca privativa à Feira do Livro de 1951, realizada na Avenida da Liberdade, onde o público já se habituou a procurar a nossa literatura especializada.

Por motivo de vagas abertas durante o triénio que agora expira, foram convidados a exercer cargos de direcção os membros substitutos Snrs. Prof. Dr. Joaquim Fontes, João de Sousa Lara e Prof. Dr. António Monteiro da Costa, que aos trabalhos da Junta Directiva prestaram o concurso da sua ilustração.

A Junta Directiva decidiu, como era seu dever, ir, na pessoa de três representantes, apresentar cumprimentos ao Chefe do Estado, Snr. General Craveiro Lopes, de quem houve a surpresa de ouvir palavras de apreço e estímulo para a obra que vimos realizando, e grato nos foi também verificar que Sua Excelência estava bastante ao corrente da nossa actividade.

Durante o ano de 1951 tivemos o desgosto de perder a camaradagem e a colaboração dos seguintes sócios:

Marechal António Óscar de Fragoso Carmona
Eng. Augusto Vieira da Silva
Eduardo de Faria
Dr. António Monteiro
Raul Vieira
Dr. Pedro Roberto Chaves
Coronel Américo de B. S. Dores
Augusto Eduardo Câmara Pestana
Eng. José Luís Saldanha Rio Maior
Horácio Rodrigues Costa
Roberto Dias Costa

Eng. Henrique de Mendonça Alves
Carlos dos Santos
Maximino José de Almeida
Jerónimo José da Silva Júnior
João Anjos
Benjamim Rodrigues Costa
Evaristo Gonçalves
Eng. João Alexandre Lopes Galvão
Manuel Fernandes Tomás
Raul de Mendonça
Luís da Silva Cardoso
Vítor Loureiro Alves
João Baptista Jaquet
D. Olinda Ferreira de Mesquita
Dr. Amadeu Ferraz de Carvalho
D. Elvira Sofia Pedroso Queirós
José da Silva Nunes

A Imprensa diária de Lisboa continua a dispensar o acolhimento deveras carinhoso à publicação das notícias oriundas da nossa secretaria, permitindo que haja um conhecimento público muito exacto da nossa actividade. Por esse motivo a Direcção deixa aqui lavrado um voto de profundo reconhecimento.

Outro voto de agradecimento que temos a honra de propor à Assembleia Geral é para com as pessoas que se dignaram dirigir as nossas visitas de estudo, para as pessoas ou entidades que autorizaram as referidas visitas, para os ilustres colaboradores do *Olisipo*, para os realizadores do serão olisiponense, e ainda para os autores das conferências.

As contas, que com este Relatório se apresentam à apreciação da Assembleia Geral, mostram que, como que em obediência quase a uma tradição, as despesas sensivelmente se nivelaram com as receitas, ou antes, procurou-se que aquelas não excedessem estas, e assim se conseguiu uma margem positiva de 4.252\$89, que propomos passe à conta do ano seguinte.

Dentro do orçamento apertado em que o Grupo vive, e havendo necessidade de dispender as escassas receitas em regalias que se não desejam coarctar, não tem sido possível melhorar tanto quanto era mister as nossas instalações. Todavia, dentro dum programa bastante modesto, realizaram-se ligeiras obras e adquiriram-se alguns móveis.

A Junta Directiva, ao depor o seu mandato perante a Assembleia Geral, agradece todas as deferências de que foi alvo e o apoio que encontrou nos seus associados para a realização de todos os actos que promoveu, devendo salientar a laboriosa intervenção da Secção de Movimento Cultural e Propaganda e a assiduidade da presença dos ilustres

membros da Comissão de Contas, às reuniões directivas, cujo apoio nos foi em todas as emergências deveras confortável.

Por último é de toda a justiça deixar aqui assinalado um voto de louvor ao prestimoso pessoal da Secretaria, nomeadamente ao seu chefe Snr. Caetano dos Reis pelo zelo com que se houveram no desempenho dos seus cargos.

PARECER DA COMISSÃO DE CONTAS REFERENTE AO ANO DE 1951

Ex.^{mos} CONSÓCIOS:

A fim de se cumprir o determinado na alínea b) do art. 41.º do regulamento e dos Estatutos, pelos quais se regem integralmente todas as Secções do nosso agrupamento, temos a honra de apresentar a VV. Ex.^{as} o habitual Parecer acerca do movimento deste organismo cultural, criteriosamente orientado por distintas individualidades que constituem os nossos Corpos Orgânicos.

Perante o Relatório da Ex.^{ma} Junta Directiva se verifica, e nós enaltecemos, a metódica administração financeira que nos permite manter em constante actividade todas as Secções iniciadas na nossa fundação, incluindo o nosso trimestral boletim *Olisipo*.

Pomos aqui em destaque: a manutenção do valor inicial da nossa quota, o que merece louvores, pois que é um difícil problema, devido ao agravamento de encargos nestes últimos anos. com tão escassa verba sustentar os compromissos de uma organização cultural.

A nossa já avolumada biblioteca assegura o seu valor positivo, devido a generosas ofertas, não só dos prezados consócios como também de Ex.^{mas} Empresas Editoras.

Pela Secção de Movimento Cultural e Propaganda continua a boa organização de visitas a curiosidades lisboetas num ritmo que nós consideramos de enaltecedora propaganda olisiponense; o aglomerado de visitantes, digníssimos associados e Ex.^{mas} famílias, com a sua entusiástica presença sancionam a directriz desta meticulosa organização, para bem conhecer esta linda cidade da Europa.

No ano findo tivemos momentos dolorosos devido ao falecimento dos nossos dois sócios honorários: o saudoso Marechal António Óscar de Fragoso Carmona, que nos deu a elevada honra da sua presença nas nossas salas, no seu austero cargo de supremo Magistrado da Nação, e o erudito Mestre olisiponense Augusto Vieira da Silva, que foi o nosso primeiro presidente da Junta Directiva. Para estas duas inesquecíveis personalidades aqui deixamos consignado o nosso profundo pesar.

A imposição de seguir um regime de descanso intelectual, obrigou

a declinar a sua preocupada missão de Director-Tesoureiro o nosso dedicado consócio Ex.^{mo} Snr. António Ribeiro da Silva e Sousa (Sidónio Miguel). Pelo assíduo contacto entre nós, Comissão de Contas e este prezado Director tivemos oportunidade de apreciar a sua visão financeira, para boa organização dos balancetes orçamentais, e a constante assiduidade, dedicação e entusiasmo que sempre mostrou, colaborando modestamente nas solicitações feitas pelos seus colegas da Ex.^{ma} Junta Directiva para dirigir visitas ou proferir conferências. Nesta conjuntura não podemos ficar indiferentes, prestando-lhe neste Parecer as nossas respeitosas homenagens.

Nos serviços de Secretaria se continua a manter uma disciplinada organização e, assim, não regateamos louvores a todo o nosso pessoal, especializando o respectivo chefe Snr. Caetano dos Reis, modelar orientador do despacho em todas as nossas Secções.

Ao findar este período de três anos de intensa actividade Directiva, «em que prestantes individualidades nos honraram com a sua assídua presença e o seu alto valor», aqui deixamos registados os sinceros agradecimentos a todos os Ex.^{mos} Snrs. Directores das nossas várias Secções; e agora vai seguir-se novo triénio em que vêm ingressar na vida interna do nosso agrupamento figuras de destaque do meio intelectual; os nomes que figuram nas listas apresentadas pela Ex.^{ma} Junta Directiva devem merecer de VV. Ex.^{as} unânime concordância e, assim, concluímos este Parecer propondo aos Ex.^{mos} Consócios:

1.º — Que aprovem o Relatório e Contas da Ex.^{ma} Junta Directiva, pois nesse documento se verifica uma rigorosa orientação financeira.

2.º — Que sejam registados votos de profundo pesar pelos nossos dois extintos sócios honorários: o respeitoso Marechal António Órcar de Fragoso Carmona e o erudito Engenheiro e Arqueólogo Augusto Vieira da Silva.

3.º — Que sejam aqui mencionados louvores a todo o pessoal da secretaria, em especial ao seu Chefe Snr. Caetano dos Reis.

4.º — Que VV. Ex.^{as} se dignem aprovar os novos Corpos Orgânicos mencionados nas listas da Ex.^{ma} Junta Directiva para a gerência de 1952 a 1954.

Em 18 de Janeiro de 1952.

A Bem de Lisboa

A COMISSÃO DE CONTAS

A T E N Ç Ã O

A OURIVESARIA **Miguel A. Fraga, L.^{da}** R. da Palma, 26-28

Participa aos seus amigos e clientes que já se encontra nas novas instalações, no

PAVILHÃO DOS OURIVES

(Largo Martim Moniz, 18)

Onde continua a vender OURO, PRATA, E JÓIAS a baixos preços.

Telefone 2 8503

E. Pinto Basto & C.^a L.^{da}

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS
E AÉREOS

CARVÃO

SEGUROS

REPRESENTAÇÕES
(Industriais, etc.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS, ETC. ETC.

no PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.^a, L.^{da}

EMPRESA NACIONAL DE APARELHAGEM ELÉCTRICA TEL. 62177-62178
LUMIAR LAMPAR
AVENIDA 24 DE JULHO 156 - LISBOA

ADQUIRIR O NOSSO MATERIAL
É GARANTIA DE OBTER MATERIAL
DE QUALIDADE
SUPERIOR

LAMPADAS
LUMIAR
MOTORES ELÉCTRICOS — TRANSFORMADORES
GERADORES
ENAE
Fabrico nacional

Bertrand (Irmãos), L.^{da}

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA



FOTÓLITO
DESENHO

T. Condessa do Rio, 27 — Telef. 2 1368 2 1227

VIDROS E CRISTAIS

Especializada no fabrico de vidros para iluminação
e de frascaria para perfumaria e laboratórios

GAIVOTAS, L.^{DA}

FÁBRICA FUNDADA EM 1811

Rua das Gaivotas, 10 a 24

Telefone P. B. X. { 63176
63177

Livraria Ecléctica

C. do Combro, 58

Telefone 2 8663

LIVROS DE OCASIÃO

Agricultura, Autores consagra-
dos, Belas Artes, Ciências, Co-
lónias, Comercio, Contabili-
dade, Dicionários, Direito,
Enciclopédias, Engenharia, Filo-
logia, Filosofia, Fotografia e
Cinema, Geografia, História,
Manuais de ofícios, Medicina,
Musical, Pedagogia, Poesia,
Raridades bibliográficas, Reli-
gião, Teatro, Literatura alemã,
clássica, espanhola, francesa,
infantil, inglesa, policial e
de aventuras

Compramos grandes e pequenas bibliotecas

OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA MENSAL

Fundada em 1938

Director — ÁLVARO PINTO



Preços das assinaturas por ano
com direito aos números especiais:

Portugal	190\$00
Brasil	180 cr.
Col. Portuguesas e Espanha	190\$00
Estrangeiro	10 dól.



R. de S. Felix, 41-1.º - .—Lisboa
PORTUGAL

Empresa Insulana de Navegação

Sede: Rua Nova do Almada, 11-1.º — LISBOA
Telefs. 23271/2/3 — Telegrs. Bensaude — LISBOA

Carreiras regulares entre: Lisboa, Madeira e Açores

Saídas em 8 de cada mês para: *Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa, (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Pico (Lagens) e Faial*

Em 23 de cada mês, para: *Madeira, Santa Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Prata), S. Jorge (Velas), Pico (Cais), Faial, Corvo e Flores (Lagens e Santa Cruz)*

Passagens: Rua Augusta, 152 — Telef. 2 0216

Carga: Avenida 24 de Julho, 2, 2.º — Telef. 20214/15

Agentes no Porto:

SOCIEDADE GERAL DE REPRESENTAÇÕES, LDA,
Rua Mousinho da Silveira, 18

Na Madeira:

Blandy Brothers & C.º, L.da

Em S. Miguel
Bensaude e C.ª, L.da

COMPANHIA

— DE —

DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
com o capital de **Esc. 179.300.000\$00**

Pesquisa e extracção de diamantes na Província
de ANGOLA em regime de exclusivo

SEDE SOCIAL:

LISBOA — Rua dos Fanqueiros, 12 - 2.º — Teleg. **DIAMANG**

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Cor. António Lopes Mateus

PRESIDENTE DOS GRUPOS ESTRANGEIROS

Mr. Firmin Van Brée

VICE - PRESIDENTE

Banco Burnay

ADMINISTRADOR - DELEGADO

Com. Ernesto de Vilhena

Direcção Geral na Lunda

Director geral

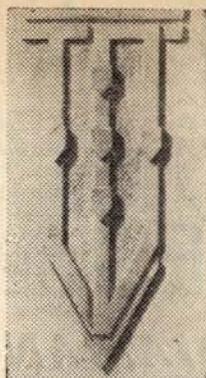
*Eng.º Rolando Sucena Baptista
de Sousa*

Representação em Luanda

Representante

Cap. Mário Augusto da Costa

CAPTAÇÕES
DE ÁGUA E
SUBTERRÂNEA



FUNDAÇÕES
DE TODOS
OS GÊNEROS

(Um quarto de século de especialização técnica)

Empresa de Sondagens e Fundações
TEIXEIRA DUARTE, L.^{DA}

P. da Figueira, 18, 3.º Esq.

LISBOA

CASA AFRICANA

Rua Augusta, 161/Telef. 2 4264-65 P. B. X./LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 166/Telef. 1361 P. B. X./PORTO

Secções de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria, Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para

HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

Preços fixos e marcados em todos os artigos
ON PARLE FRANÇAIS ENGLISH SPOKEN

ÂNGELO G. RAMALHEIRA

— ENGENHEIRO CIVIL —

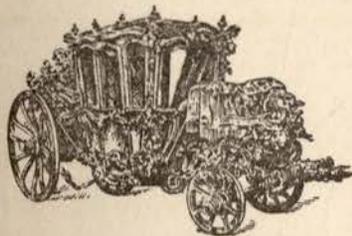
CONSTRUÇÕES
PROJECTOS DE ESTABILIDADE
BETÃO ARMADO

Av. Oriental do Parque Eduardo VII, 14, r/c.-E.

TEL. 4 9313 — LISBOA

— e Praça D. Filipa de Lencastre, 22, 6.º

Telefone 2 6251 — PORTO



Domingos de Lisboa

MUSEU NACIONAL DOS COCHES

(PRAÇA AFONSO DE ALBUQUERQUE — BELÉM)

FUNDADO pela Rainha Senhora Dona Amélia, o «Museu Nacional dos Coches» constituiu-se inicialmente com as próprias carruagens e arreios em depósito no Picadeiro da Casa Real.

No edifício do Museu destaca-se o grande salão decorado por Delarive e Francisco Buge.

Merecem especial atenção dos visitantes os três carros triunfais da Embaixada do Marquês de Fontes ao Papa Clemente XI e os coches da Coroa, de D. João V, de Dona Mariana de Áustria e de D. José. Retratos de pessoas reais da dinastia de Bragança, colecções de indumentária e numerosa iconografia concernente à história das viaturas, podem também ser admirados neste Museu.

UMA DAS «EXCURSÕES EM LISBOA». PROMOVIDAS PELA CARRIS. PERMITE VISITAR O MUSEU DOS COCHES. JUNTO DO QUAL TAMBÉM PASSAM:

ELÉCTRICOS DAS CARREIRAS 15 - 15A - 15B - 16 - 17
AUTOCARROS DAS CARREIRAS 12 - 14

PATENTE AO PÚBLICO TODOS OS DIAS, EXCEPTO SEGUNDAS-FEIRAS E FERIADOS, DAS 11 ÀS 17 HORAS.

ENTRADA GRATUITA AOS DOMINGOS E QUINTAS-FEIRAS. NOS OUTROS DIAS: 2\$50.



TOSSE ?

HORAS CALMAS



COM

BENZO-DIACOL